

“Missa do galo”: desejo errante na sala de visitas

Há situações em que as palavras e os gestos manifestos pouco ou nada revelam, por si mesmos, do sentido de uma experiência. Quando a explicitação dos signos mostra-se insuficiente, é preciso chegar ao mecanismo de disfarce ou ocultação que torna o silêncio entre as palavras e o espaço entre os gestos mais significativos do que a declaração verbal ou a disposição do corpo. Machado de Assis é um mestre na prospecção desses intervalos entre a gravidade da matéria e o impulso da significação, e não costuma abrir mão de nenhum dos dois. O conto *Missa do Galo* (**Páginas Recolhidas**, 1899), compreensivelmente antológico, já de início admite a insuficiência: "Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal". Dada como incompreendida por quem dela participou e a rememora, sinte-se o leitor provocado a buscar o sentido dessa distante "conversação".

A conversa ocorreu numa noite de Natal, entre o adolescente Nogueira, hospedado na casa do escrivão Meneses, e a esposa deste, Conceição. À espera da "missa do galo na Corte", o jovem provinciano lê, enquanto aguarda um amigo que virá buscá-lo, mas põe de lado o livro quando dona Conceição irrompe na sala. A aparição algo fantasmagórica da mulher num roupão branco, na meia-luz da sala, quebra os hábitos da casa, que são rígidos. "Assobradada", "na Rua do Senado", a casa "tinha três chaves" e, lembra-se o narrador, "às dez e meia a casa dormia". Bem qualificada, a casa é um território ativo, marcado a fundo pelos valores de uma família tradicional. Nele, move-se resignadamente dona Conceição, chamada "a santa" por suportar bem os "esquecimentos de um marido", que aliás tem amante frequentada semanalmente. Traços essenciais que retratam Conceição: "um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos"; "tudo nela era atenuado e passivo"; o rosto era "mediano, nem bonito nem feio"; "perdoava tudo"; "não sabia odiar", "pode ser até que não soubesse amar". Casou tarde, agregou a mãe na casa e leva a vida protegida e insípida de esposa institucional

Pois nessa noite de Natal, em que o marido foi à amante, uma inquieta e insone Conceição deixa a alcova e vai encontrar o adolescente na sala. A conversa em si mesma interessa menos que a crescente palpitação de sensualidade que o rapaz, aluno de "preparatórios", vai aprendendo aos poucos, em gradativa absorção de gestos, movimentos e expressões da mulher, que para sempre lhe parecerão intrigantes. A coreografia dos passos e poses de Conceição traduz aproximações e distanciamentos; ao jovem impressiona sobretudo certo balanço no andar da mulher pela sala, "como quem lhe custa levar o corpo". Está nessa expressão, a meu ver, uma síntese do olhar machadiano sobre a história das incontáveis "resignadas" e "santas", que ao longo dos séculos, e por razões diversas, sentem o próprio corpo como cláusula de contrato, condição de status e peso de compromisso. Na contramão dessa história, um impulso erótico e libertário ameaça tomar forma e transgredir as regras da casa patriarcal, promovendo um contato entre dois estados de incompletude: o do adolescente ainda "despreparado" e o da esposa já "esquecida". Mas Conceição persiste num vago torpor, a que gostosamente se entrega enquanto olha para o rapaz e o faz falar. A certa altura diz não entender o interesse de alguém em ficar acordado para ver a missa do galo na Corte, e justifica: "todas as missas se parecem". Indiscriminações como essa são reveladoras de tédio e de falta de expectativa de quem há muito já perdeu o direito à ênfase.

Mas há um momento em que a mediana, atenuada e passiva Conceição, nem bonita nem feia, "ficou linda, ficou lindíssima". Como explicar a passagem da apagada mediania para a ênfase do superlativo? Serão os olhos de um adolescente que está despertando para a paixão? Ou, de fato, a súbita iluminação de uma mulher que emerge da esposa resignada, negando a apatia, ganhando expressão e estremecendo "como se tivesse um arrepio de frio"? "Contradigo-me, atrapalho-me", declara o narrador, impossibilitando assim a garantia do sentido e deixando em aberto o momento mágico que resistiu à passagem dos anos.

Nem bem se revelou "lindíssima" e Conceição se afasta do rapaz, vencendo a perturbação, andando pela sala, memorando, nostálgica e em tom de solilóquio, seus bailes de mocinha sonhadora na mesma Paquetá da Moreninha, de Macedo. Nesse caminho em anticlímax, a sensualidade cede lugar a observações sobre as paredes, como "estes quadros estão ficando velhos" ou "precisamos mudar o papel da sala". A interioridade calorosa da mulher, iluminada há pouco pelo superlativo, parece dissolver-se pela superfície da decoração da sala. Reassumida, a casa de família estabiliza-se e a esposa retorna ao seu

pálido domínio, despedindo-se do rapaz por meio desta fórmula ambígua: "Adeus, até amanhã". A duplicidade fala de quem jamais retornará e de quem estará, no dia seguinte, em seu posto doméstico.

Não mais que um pano de fundo, mera referência no calendário, essa missa do galo será para sempre associada por Nogueira à magia de uma revelação perturbadora, em que o adolescente e a senhora casada comungaram uma "espécie de sono magnético", uma suspensão de hábitos e valores, no espaço-limite de desejos que ficaram navegando, sem ancorar, na sala de visita da casa patriarcal. O conto vale por esta difícil e dupla realização: Machado não perde a atmosfera das impressões sensuais, a errância dos desejos que não se cumprem, a volatilidade da inclinação erótica; e também não deixa de mostrar a rigidez dos papéis sociais, o confinamento da mulher, a solidez da casa burguesa com seu mobiliário de valores. A "conversação" supõe, de fato, a tensão entre essas duas instâncias.

Não é à toa que na missa do galo o rapaz vê a figura de Conceição interpor-se entre ele e o padre. A interposição continua falando desses dois mundos, que Machado faz dialogar: aquele em que se oficiam os ritos consumados, como os da religião, da família e da vida social, e aquele, mais íntimo, em que pulsam as perguntas sem resposta, os impulsos naturais e os enigmas permanentes.

Alcides Villaça, O Estado de S.Paulo

20 de dezembro de 2009